

Trabalhos arqueológicos no adro da Igreja do Salvador de Aveleda (Lousada): primeiros resultados

Luís Sousa*

RESUMO

Visando a minimização do impacto sobre eventuais vestígios arqueológicos, decorrente da execução do projeto *Trabalhos gerais de manutenção e minimização de barreiras arquitetónicas*, da responsabilidade da Rota do Românico, foram realizadas sondagens de avaliação prévia, para se aferir o potencial patrimonial encerrado no subsolo do adro da Igreja do Salvador de Aveleda. O plano de trabalhos arqueológicos, que passou pela abertura de 16 sondagens, permitiu o estudo de como foi sendo utilizada aquela área envolvente ao monumento mencionado, tendo-se constatado o seu exaustivo aproveitamento enquanto espaço cemiterial, dos princípios da Baixa Idade Média até 1913. Os mais antigos vestígios relacionam-se com a presença de sepulcros de desenho antropomórfico, abertos diretamente no geológico, sendo os mais recentes conotados com ritos fúnebres onde imperou a utilização de arcazes de madeira. Para além dos sinais de ocupação referidos, as escavações permitiram colocar a descoberto tramos de alinhamentos pétreos do século XVI/XVII, correspondentes à definição do limite sul do adro da Igreja.

PALAVRAS-CHAVE

Igreja do Salvador de Aveleda, Lousada, sepulturas escavadas no saibro, sepulturas em covacho, arcazes de madeira, vestígios osteológicos.

ABSTRACT

In order to minimize the impact on any archaeological remains, due to the implementation of the General maintenance work and minimizing architectural barriers, under the responsibility of Rota do Românico [Route of the Romanesque], to assess the potential heritage enclosed in the subsoil of the churchyard from the Church of the Saviour of Aveleda. The archaeological work plan, which included the opening of 16 squares of archaeological digs, allowed the study of how the surrounding areas of the mentioned monument were being used. By the remains which were found it was possible to understand its exhaustive use as cemeterial space, from the early Middle Ages until 1913. The oldest remains are related to the presence of tombs of anthropomorphic design, opened directly in the geological, the latest being connoted with funeral rites where the use of wooden chests prevailed. In addition to the signs of occupation mentioned, the excavations have put uncovered spans of stony alignments from the 16th/17th century, corresponding to the definition of the Southern Church churchyard limit.

KEYWORDS

Church of the Saviour of Aveleda, Lousada, dug graves on clay, wooden chests, osteological remains.

* Arqueólogo da Câmara Municipal de Lousada.

INTRODUÇÃO

O presente texto relata sucintamente os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no adro da Igreja do Salvador de Aveleda, monumento de estilo românico situado na freguesia de Aveleda, concelho de Lousada, distrito do Porto, distando aproximadamente 2,5 quilómetros a leste da sede do município. Implanta-se a cerca de 209 metros de altitude, localizando-se geograficamente a $41^{\circ}16'46,10''$ de latitude norte e $08^{\circ}15'09,93''$ de longitude oeste. Aparece representada na *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25000, folha n.º 112, e na *Carta Geológica de Portugal*, escala 1:50000, folha n.º 9D (Penafiel).

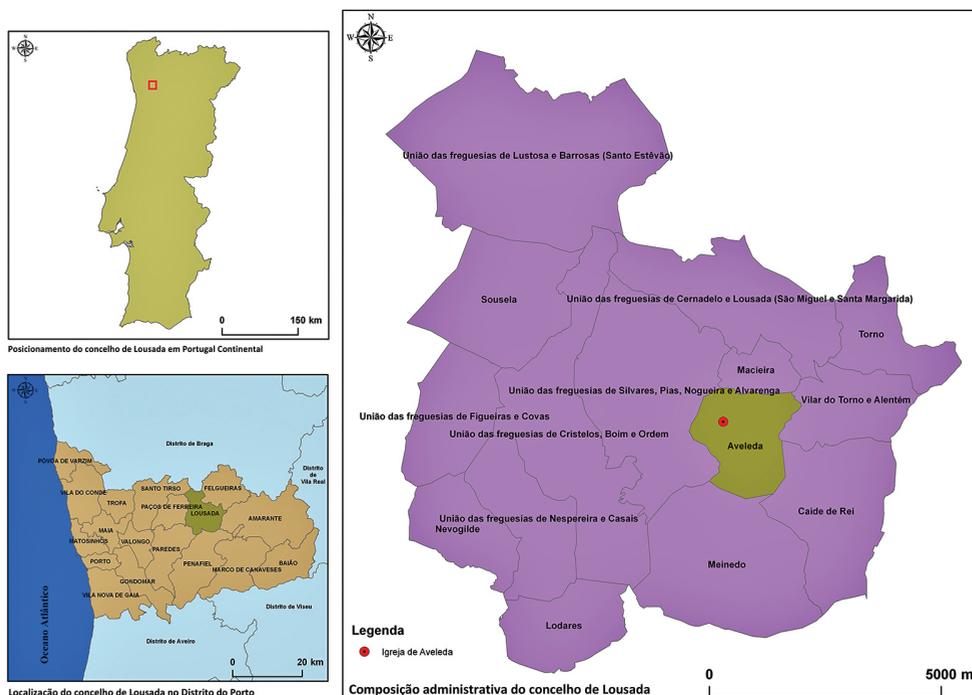


FIGURA 1. Enquadramento geográfico da freguesia e da Igreja do Salvador de Aveleda em Portugal continental, no distrito do Porto e no concelho de Lousada (Luís Sousa, 2016).

A intervenção arqueológica, objetivamente realizada no adro da Igreja, foi desenvolvida no âmbito do projeto *Igreja de Aveleda – Trabalhos gerais de manutenção e minimização de barreiras arquitetónicas*, da responsabilidade da Rota do Românico. No projeto contemplava-se a beneficiação de pavimentos, tendo em conta a criação de boas condições de acessibilidade, com nivelamento parcial do lajeado e maior rigidez do pavimento em saibro, inclusão de rampa no portal da Igreja e de passagem sobre a caldeira das oliveiras, no portão da entrada lateral do adro, bem como o tratamento dos muros deste e a manutenção dos seus três portões metálicos, incluindo ainda o tratamento de uma faixa do espaço contíguo exterior, relativo à caldeira das oliveiras. De igual modo, observava o *Projeto de execução* o melhoramento da generalidade do piso circundante à Igreja, através da reposição de novo pavimento em geo-cimento/saibro. Face à realidade a intervir, foi elaborado um plano de trabalhos arqueológicos, com o qual se pretendeu averiguar,

através da leitura estratigráfica, o real potencial arqueológico da área correspondente ao atual adro da Igreja do Salvador de Aveleda, cujo perímetro se encontra cercado por um murete baixo em todos os quadrantes, com exceção da face sul, em que muro fronteiro do cemitério paroquial lhe define aqui os limites. Pela razão de se tratar de uma área sensível do ponto de vista arqueológico, foi lançada uma malha quadriculada, que permitiu orientar as zonas a sondar, tendo presente a tentativa de cabalmente conhecer o sítio em causa, após a qual seriam dadas as prerrogativas necessárias à salvaguarda dos vestígios arqueológicos detetados e fornecidas ao projeto as informações e direti-vas para a sua execução. Para o efeito, a Rota do Românico solicitou o apoio do Gabinete de Património e Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada, que direcionou para aquele espaço um plano de trabalhos¹, que consistiu na realização de 16 sondagens ar-queológicas de averiguação, tendo estas decorrido entre 2 de novembro de 2011 e 4 de junho de 2012².

Do acompanhamento e das sondagens arqueológicas resultou a recolha de um con-junto de materialidades (cerâmicas, vidros, material de construção, numismas, vesti-gios osteológicos, etc.) que nos permite acrescentar novas páginas à história da Igreja em causa e perceber algumas das vivências e atitudes da comunidade perante a morte e a sua relação com o monumento.

1. AVELEDA DA PROTO-HISTÓRIA À IDADE MÉDIA. BREVES APONTAMENTOS À HUMANIZAÇÃO DO ESPAÇO

A fertilidade das terras aveledenses, que bordejam o curso aquífero do Sousa, pro-piciou que, desde tempos recuados, aqui se fossem fixando comunidades humanas, as mais antigas eventualmente ainda de tradição proto-histórica. A esta riqueza natural deve relacionar-se o atravessamento da freguesia por uma importante rede de cami-nhos, intemporalmente calcados por militares, comerciantes, almocreves, gente de diferente estatuto e condição que, por vezes, se quedavam nestas terras por díspares motivações, deixando marcas do tempo de então, que, nos dias de hoje, se expressa em manifestações arqueológicas, arquitetónicas e toponímicas.

O povoado do Pinouco, posicionado na meia encosta da colina do Crasto, é um ou-teiro baixo, facilmente acessível pela parte norte, marcado por abruptas vertentes entre sul e este, dominando visualmente a veiga que se distende ao longo da margem direita

¹ O plano de trabalhos arqueológicos e metodologia proposta foram aprovados pela Direção Regional de Cultura do Norte, através do ofício n.º S2011/270170 (C.S: 758295), de 8 de novembro de 2011, e pelo Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (atual Direção Geral do Património Cultural), através do ofício n.º 00024066, de 17 de outubro de 2011.

² Os trabalhos arqueológicos decorreram sob a coordenação científica do arqueólogo Luís Sousa, signatário do presente texto, tendo contado com a colaboração do técnico de arqueologia Carlos Gonçalves, do Gabi-nete de Património e Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada. Os trabalhos de levantamento e estudo antropológico desenvolveram-se sob a supervisão científica da antropóloga Carla Barbosa, sendo executados em campo pela antropóloga Marta Borges.

do rio Sousa. Aí se observam taludes em semicírculo, que escondem um sistema defensivo composto por dois circuitos de muralhas.

Este reduto defensivo deverá tipificar um modelo de povoamento firmado entre finais do século I a.C. e princípios do século I d.C., período em que começa a ser desenhado para a região um plano administrativo do território, que, de modo vincado, rompe com o praticado no período precedente, isto é, marca o esvaziamento dos povoados em altura, em detrimento de assentamentos junto às terras baixas. Tomando como dado interpretativo unicamente os materiais arqueológicos recolhidos à superfície, a ocupação romana do sítio do Pinouco não terá ultrapassado a segunda metade do século I d.C., constatando-se a reocupação do sítio entre os séculos IX e XI, com provável permanência de medievais populações entre a segunda metade do século XII e os primeiros decénios da centúria seguinte.

Com a integração do território no Império Romano assiste-se à disseminação de povos romanos ou romanizados pelo *ager*, numa lógica que visava a apropriação dos melhores solos, de comprovada rendibilidade agrícola, obedecendo a critérios de seleção que assentavam, entre outros fatores, nas condições naturais, como seja a exposição solar, ‘boa de ares’ e servida, preferencialmente, de água corrente. Neste contexto se deve incluir o aparecimento de “abundantes fragmentos de tegulae e imbrices” (Nunes, Sousa e Gonçalves, 2008, p. 84) em terrenos pertencentes à Casa de Vilela, conotados, provavelmente, com o assentamento na área de um casal agrícola romano (Nunes, Sousa e Gonçalves, 2008, p. 84).

A Igreja do Salvador é a materialização mais evidente da ocupação medieval na freguesia de Aveleda. Todavia, o desenho arquitetónico não autoriza a que se lhe apontem uma cronologia anterior ao século XIII. Ainda que os dados ao dispor sejam muito fragmentários sobre aquela que foi a realidade do povoamento medieval da freguesia, as informações facultadas pela arqueologia, pela toponímia e pelas fontes históricas abrem caminho à elaboração de uma carta de distribuição espacial, que nos permite acercar de certos núcleos populacionais que compuseram a paisagem da freguesia naquele período.

Através do levantamento e estudo da toponímia de origem germânica, designadamente de Cartão, Requião e Vila Nuste, constata-se que as gentes que aqui se quedaram na Alta Idade Média fizeram recair a preferência da sua fixação pela ocupação da fértil veiga que se espria pela margem direita do rio Sousa, o que é expressivo do interesse na exploração das terras aráveis e de elevada rendibilidade agrícola que a parcela entre Barrimau e a Ponte de Vilela evidencia ainda nos dias de hoje. Ao longo da Baixa Idade Média estes serão, porventura, os principais casais rurais que se manterão na base do ordenamento da paisagem agrícola do território em foco, num contínuo ocupacional vincado ainda nos tempos modernos. Entre os séculos IX e XI/XII, associada a um período de certa instabilidade político-administrativa, a que usualmente se dá o nome de Reconquista, surge a reocupação do povoado do Pinouco, que, pese embora assente num morro de baixa altitude sobre a margem esquerda do Sousa, terá desempenhado o relevante papel de garantir o controlo visual da veiga, bem como dos caminhos que a cruzavam.



FIGURA 2. Armação dos campos em Aveleda (Câmara Municipal de Lousada, 2013).

A partir do século XI começam a surgir as primeiras fontes documentais concernentes à freguesia de Aveleda. A primeira é um documento de 23 de maio de 1098, relativo à venda de uma herdade, na “uilla uocitant auellaneda” (Lopes, 2004), que fez Pedro Astrufiz e sua mulher Emiso Cidiz a Guterre Mendes e sua mulher Onega Gonçalves. Dezoito anos volvidos surge novamente referida Aveleda, desta feita no testamento de Sandino Pires, de 29 de abril de 1116, em que este doa ao Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) bens que ali possuía (Lopes, 2004, pp. 161-162). Ainda em textos ducentistas aparece mencionada a Igreja do Salvador e uma ampla área que recebe a denominação de “uilla Nousti” (Lopes, 2004, p. 163). No tocante à Igreja, deter-nos-emos mais adiante. Por ora, centrar-nos-emos naquela “vila agrária”, cuja disputa das terras, emanada da leitura dos registos da época, só se entende se firmada na natureza geográfica, agrícola e viária daquele território.

A “uilla Nousti”, situada “subtus mons Caluelo discurrente ribulo Sousa territorio Bracarensis” (Lopes, 2004, p. 163), que outrora designava uma superfície que se sustentando documentalmente mais alargada, é um termo que se encontra, na atualidade, circunscrito a um pequeno casal rural. Porém, e em razão de o topónimo ter mantido a grafia praticamente original, é de enorme relevância, porque permite situar, com alguma segurança, a área do domínio do conjunto das parcelas integrantes da “uilla” e das quais temos referências documentais a partir de 10 de abril de 1172. Nesta data foi vendida uma propriedade a Pedro Arteiro, por parte de Gonçalo Pais, sua mulher Marinha Rodrigues e seus filhos, pelo preço de 15 morabitinos. O mesmo Pedro Arteiro, passados cerca de três anos, em fevereiro de 1175, adquire a Fernando Soares e outros nova propriedade em “uilla Nousti”, pelo preço de 50 morabitinos de ouro. Na mesma

área, pelo montante de 65 morabitinos de ouro, Pedro Arteiro compra, em 1180 (julho), uma terra ao abade Pedro. Pelas sucessivas compras efetuadas ao longo de cerca de oito anos, deveria ser grande a conveniência de Pedro Arteiro em concentrar em si o domínio agrário da “uilla Nousti”. Um tão avultado investimento, conquanto difícil de justificar cabalmente tendo em conta a distância temporal e as fontes ao dispor, parece espelhar interesses económicos, aliados à bem provável rendibilidade da terra e à capacidade de escoamento de produtos excedentários que a proximidade de uma boa rede viária, que cruzava o território deste a Época Romana, propiciava. O posicionamento geográfico e a natureza do local foram, por certo, fatores determinantes, aos quais se pode ainda juntar a facilidade de utilização do arado e a presença contínua e abundante de água, indispensável ao regadio, condições favorecidas pela planura do território da “uilla Nousti”, cuja extensão parece poder-se compreender entre a Igreja do Salvador de Aveleda e o rio Sousa – “subtus ecclesia Auelaneda contra aquam Sause” (Lopes, 2004, p. 165). Ainda que fossem várias as propriedades adquiridas, em Nuste, por Pedro Arteiro, entre 1172 e 1180, outras mais havia que suscitavam cobiça. E, em 1189, coube a Urraca Viegas adquirir ali uma herdade a Pedro Bermudes, que a vendeu pela avultada soma de 400 morabitinos.

A partir de finais do século XII e inícios do século XIII, o povoamento medieval na freguesia de Aveleda começa a evidenciar a preferência por outros quadrantes geográficos, porventura decorrente de uma mais alargada e dinâmica rede viária, impulsionada pela crescente afirmação sociocultural e religiosa da Igreja do Salvador de Aveleda. Ainda que a distribuição geográfica no polígono da freguesia não seja possível, por falta de referências espaciais, documentos de 1183, 1218 e 1220 comprovam a presença de vários casais, reflexo de que em Aveleda, um pouco como o atestado para o Entre-Douro-e-Minho, o casal se constituiu por excelência, na Idade Média, como a unidade rural base da exploração agrária. Estas unidades, quando estabilizado o seu *fundus*, ofereceriam uma produção variada e de boa rendibilidade. As inquirições afonsinas de 1220 dão-nos uma imagem desta realidade, aí sendo referidas as culturas do trigo, do linho e do vinho.

Em 1258, nas inquirições de Afonso III, são arrolados 35 casais respeitantes a Aveleda, o que parece emanar de uma certa estabilidade político-económica do país e da própria consolidação do tecido social e agrário da freguesia, quadro que se manterá, em termos de povoamento, até aos alvares da Idade Moderna.

2. IGREJA DO SALVADOR DE AVELEDA. DOCUMENTOS E ORGANIZAÇÃO ARQUITETÓNICA

A arquitetura e a ornamentação escultórica da Igreja do Salvador de Aveleda obrigam a situar cronologicamente o edifício nos séculos XIII/XIV. Todavia, a primeira referência documental que alude, de modo concreto, à Igreja do Salvador de Aveleda data de 1177³, e do orago temos menção em 1218. Deste modo, ocorre sermos confrontados

³ É respeitante a uma doação de bens, que Vela Rodrigues possuía em Lousada, ao Mosteiro de Paço de Sousa (Lopes, 2004, p. 164).

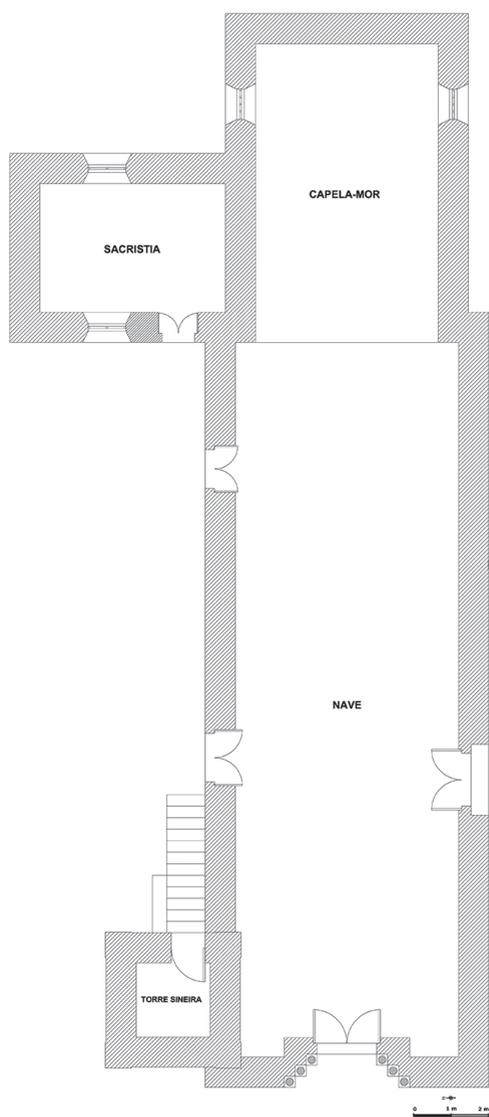


FIGURA 3. Planta da Igreja do Salvador de Aveleda (Câmara Municipal de Lousada, 2010).

com dados anteriores ao edifício chegado até nós, o que obriga a recuar a sua fundação e, por conseguinte, a assinalar que o templo foi alvo de uma profunda intervenção que lhe alterou a traça arquitetónica primitiva.

A Igreja é de estilo românico e revela planta longitudinal orientada no sentido oeste-este, compondo-se de nave e capela-mor, desenvolvendo-se esta num corpo mais baixo e estreito. Possui, do lado norte, torre sineira e sacristia, elementos respetivamente adossados à nave e à capela-mor. Na fachada sobressai o portal de arco apontado, com tímpano liso, de três arquivoltas assentes em igual número de colunelos de fuste liso sobre sapata, de que se realçam as bases e os capitéis decorados com motivos vegetalistas. O interior possui talha de estilo rococó e neoclássico e os tetos são em abóbada de volta inteira, forrados a madeira.

A ladear os degraus do presbitério encontram-se dois silhares retangulares, de topo boleado saliente, contendo cada um, no frontal, uma decoração composta por um losango centrado e por quatro rosetas cantonais sexifólias, sem nervura, enquadradas por círculos. Para Lúcia Rosas, estes elementos decorativos aproximam-se dos frisos das Igrejas de São Torcato (Guimarães) e de São Frutuoso de Montélios (Braga), atribuindo-os à arquitetura visigótica ou moçárabe (Rosas, 2008, pp. 110-111). Da análise efetuada a ambas as peças, julgamos que a técnica e os motivos gravados não se afastam da composição escultórica patente no portal principal da Igreja do Salvador de Aveleda, devendo, por isso, considerarem-se peças de transição do século XIII para o século XIV⁴. Na obra *Lousada: a vila e o concelho*, registos fotográficos de 1993 mostram-nos os dois elementos arquitetónicos justapostos, colocados sob o alpendre existente no lado norte da nave, entre a escadaria de acesso ao coro e a torre-sineira, testemunhos de que o seu reaproveitamento no interior se deveu a obras praticadas no templo em data posterior. Na mesma edição legenda-se que os elementos correspondem a um túmulo (Câmara Municipal de Lousada, 1993, p. 20), de que discordamos.

Pelo que foi possível apurar junto do atual pároco da freguesia, Agostinho Correia (2016), as peças foram retiradas da escadaria de acesso ao altar aquando de umas obras realizadas pelo seu antecessor, padre Camilo Bessa, que visaram o aumento da área da presidência para junto do arco-cruzeiro, obras que o padre Agostinho Correia reverteu, devolvendo os elementos arquitetónicos à posição original.

⁴ Opinião seguida por Cristiano Cardoso (2016).



FIGURA 4. Portal principal da Igreja do Salvador de Aveleda (Luís Sousa, 2015).



FIGURA 5. Talha de estilo rococó e neo-clássico presente no interior da Igreja (Luís Sousa, 2015).



FIGURA 6. Pormenor do silhar decorado na escada do lado esquerdo do presbitério (Luís Sousa, 2015).

Como precedentemente evidenciado, a Igreja do Salvador de Aveleda é um templo datado globalmente de finais do século XIII ou princípios do século XIV, integrando o chamado românico tardio, patente no desenho do portal principal e na simplicidade das portas laterais, desprovidas de colunas. Neste arco temporal se inclui uma boa parte dos cachorros ou modilhões que percorrem a cornija do telhado. Somente na nave há a realçar um cachorro em forma de cunha simples, no alçado norte, e um conjunto de três, no alçado sul. Neste grupo, dois revelam sulcos longitudinais paralelos e um outro tem representado um falo. Se o cachorro do alçado norte mostra feições tardias, inserindo-se na gramática escultórica dos séculos XIII/XIV, os do alçado sul, mais estreitos e de granito diferente dos demais, parecem enquadrar-se num ambiente cronológico mais recuado, ainda que pouco distante. O facto de se encontrarem na cornija correspondente à ampliação da nave e de serem detentores de uma dissemelhante morfologia relativamente aos restantes possibilita anuir estarmos perante cachorros reaproveitados da capela-mor demolida, o mesmo sucedendo com o próprio friso que sustentam, no qual claramente se descobrem tramos originais e acrescentos modernos, destrinçáveis pela patine que cobre as pedras e pela forma de trabalhar os granitos empregues.

A atual capela-mor não possui qualquer cachorro e o friso é retraído, de perfil côncavo, diverso do que percorre a cornija da nave, desde logo porque este aparece avançado e apoiado nos cachorros. Estes elementos da arquitetura medieval apenas se encontram na nave, pois a superfície foi dimensionada entre os finais do século XVII e os princípios do século XVIII, acarretando tais obras a demolição e deslocação da capela-mor para nascente, levando ao desaparecimento da traça primitiva deste corpo da Igreja, ao passo que na nave foram empregues os motivos arquitetónicos mais expressivos do corpo demolido.



FIGURA 7. Fachada principal da Igreja (Luís Sousa, 2014).



FIGURA 8. Pormenor da base de coluna, à direita do portal principal, e da marca de canteiro medieval (P) na sapata (Luís Sousa, 2012).



FIGURA 9. Porta norte da Igreja (Luís Sousa, 2012).



FIGURA 10. Porta sul da Igreja (Luís Sousa, 2014).

Na capela-mor atual verifica-se a utilização de silhares graníticos distintos dos demais empregues na construção. De entre as características geológicas mais evidentes destaca-se a inferior dureza, um certo grau de alveolização da superfície e o tom amarelo-alaranjado⁵. Estes silhares revelam-se usualmente mais baixos, o que resulta em

⁵ Segundo Hugo Novais (2016), geólogo, estes silhares de tom amarelo-alaranjado utilizados na capela-mor são provenientes de uma pedreira afastada dali, sendo a alveolização que evidenciam um fenómeno que pode indicar maior antiguidade relativamente aos restantes empregues na construção da Igreja, por estarem há mais tempo expostos à ação da intempérie, ou, por outro lado, significar a ocorrência daquele fenómeno na própria pedreira

fiadas de pedra mais estreitas, facto que nos leva a acreditar que se tratam de blocos reaproveitados da primitiva capela-mor. Cremos que esta ideia se vê reforçada pela presença de uma marca de canteiro medieval gravada num dos silhares utilizados na cabeceira exterior da referida construção.

Estudar o edificado numa perspetiva da arqueologia da arquitetura, concretamente a leitura estratigráfica de paramentos verticais, permite que, em conjugação com os dados constantes nos livros de visitas, de 1700-1754 e 1757-1826, alvo de estudo por parte de Cristiano Cardoso (2013), se possa traçar a evolução de certas fases construtivas da Igreja do Salvador de Avela. Já anteriormente tecemos algumas considerações respeitantes a alterações ocorridas no edifício, designadamente ao nível da nave e da capela-mor, onde são evidentes as marcas de obras. A análise centra-nos de modo particular a atenção nos alçados norte e sul, onde é notório o acrescento da nave da Igreja para leste, a partir do *terminus* do lacrimal, evidenciado por uma “aresta viva” na arquitetura, patente no aparelho discordante e na própria patine dos silhares graníticos. Estas obras tiveram lugar na Idade Moderna, correspondendo ao estilo da época a cabeceira da capela-mor e o arco-cruzeiro (Rosas, 2008, p. 109). Deste período data igualmente a construção da sacristia, edificada no ano de 1709, determinando o visitador, em auto de visita, que se feche a porta virada ao caminho público. Volvidos 10 anos sobre aquela data é mandado forrar o teto da capela-mor, bem como o da nave, ordem que não é, de todo, prontamente acatada, pois o seu cumprimento é reiterado em 1723, ordenando o visitador a colocação de caixotões no teto da capela-mor, trabalho de talha concluído em dezembro de 1724, mas não colocado. Com estes dados é possível aferir que as obras de ampliação da nave e de construção da capela-mor e da sacristia aconteceram num momento anterior a 1709 (Cardoso, 2013, p. 1).

Em 1757, manda o visitador cair o frontispício e as paredes da Igreja e, dali a três anos, determina a realização de umas escadas para acesso ao coro e para repicar os sinos, “subentendendo-se que o campanário da igreja estaria colocado sob a empena da fachada, interrompendo o frontão” (Cardoso, 2013, p. 2). No ano seguinte, em 1761, relata o visitador ser desígnio “dos fregueses de reformar o frontispício e erguer uma torre para os sinos” (Cardoso, 2013, p. 2), ficando exarado em ata de visitação que deveria estar concluída até à visita de 1763.

3. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA. OBJETIVOS E METODOLOGIA

Dada a natureza da superfície a intervir, foi elaborado um plano de trabalhos arqueológicos com o qual se pretendeu averiguar, através da leitura estratigráfica, o real

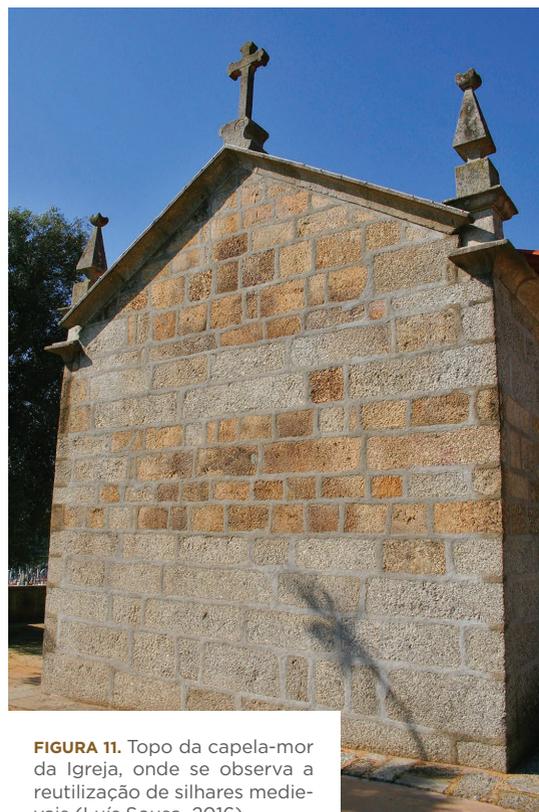


FIGURA 11. Topo da capela-mor da Igreja, onde se observa a reutilização de silhares medievais (Luís Sousa, 2016).



FIGURA 12. Alçado sul da Igreja, onde sobressaem várias marcas de obras (Luís Sousa, 2015).

potencial arqueológico da área correspondente ao atual adro da Igreja do Salvador de Aveleda, espaço no qual foi implementado o projeto da responsabilidade da Rota do Românico, intitulado *Igreja de Aveleda – Trabalhos gerais de manutenção e minimização de barreiras arquitetónicas*. Um dos principais objetivos passou por conhecer cabalmente o sítio em apreço, uma vez que seriam posteriormente definidas orientações e informações a fornecer ao projeto, no sentido da salvaguarda e minimização do eventual impacto negativo sobre os vestígios arqueológicos e osteológicos detetados.

Foi lançada uma malha de quadrados de 2x2 metros, que cobriu toda a área correspondente ao adro, tendo-se implantado a mesma a partir da aresta do lado direito da frontaria da Igreja. A denominação de cada quadrado obedeceu a uma relação alfanumérica, isto é, no eixo sul-norte foi adotada uma sequência alfabética e no eixo oeste-este uma sequência numeral, tendo sido realizado um total de 16 sondagens arqueológicas de averiguação. Para o conjunto dos diversos trabalhos realizados no âmbito da intervenção arqueológica foi adotado o acrónimo AIAL.11 (Adro da Igreja de Aveleda, Lousada, 2011), código com que foram referenciados todos os registos.

O método de registo adotado para toda a intervenção seguiu o preconizado por Edward C. Harris (1991), efetuando-se o registo através do uso de unidades estratigráficas (UE), cabendo a cada realidade identificada, de origem antrópica ou não, uma UE respeitante a depósitos naturais e artificiais, bem como a estruturas positivas ou negativas, interfaces, etc.

No concernente aos registos gráficos, adotámos para o desenho a escala 1:20 centímetros, redefinindo-se esta em função da realidade a representar, e para os registos fotográficos optámos pelo recurso à fotografia digital de alta resolução.

O plano de trabalhos teve que ser reajustado, devido a algumas contingências da escavação, designadamente pela existência de um passeio adossado aos paramentos externos da Igreja, com cerca de 0,70 a 0,80 metros de largura, composto por silhares graníticos bem esquadriados, assim como pela presença de um tubo em PVC, com 200 milímetros, respeitante à drenagem periférica de escoamento de águas pluviais, implantado paralelamente ao referido passeio, cobrindo de igual modo toda a periferia



FIGURA 13. Planta da Igreja e distribuição espacial das sondagens realizadas no adro (adaptada de Câmara Municipal de Lousada, 2010).

do edifício. Em virtude do exposto, foi necessário proceder à redefinição pontual das dimensões de alguns quadrados e à sua orientação relativamente ao edificado, embora sem prejuízo do cumprimento dos objetivos traçados com a avaliação arqueológica, que permitiu, de forma cabal, mitigar quaisquer impactos negativos provocados pela execução do projeto.

3.1. SONDAGEM 1

Esta sondagem corresponde à escavação dos quadrados J20, J21 e J22, assim como do quadrado contíguo referente a H21, totalizando a área de 14,20 m².

A pesquisa efetuada na sondagem dos quadrados J20, J21 e J22 revelou a presença de um murete ao nível basal, surgido no canto inferior direito da área sondada, orientado de nordeste para sudoeste. Dada a reduzida porção do murete presente nestes quadrados, que não oferecia a devida leitura, foi considerado pertinente o alargamento da sondagem para sul, o que ditou a abertura do quadrado H21. A ampliação da superfície sondada permitiu, deste modo, determinar as dimensões do murete, principalmente ao nível da largura, e compreender a direção que tomava, circunstância que, com as informações aferidas na sondagem 2 (H19), permitiu anuir tratar-se do primitivo muro delimitador do adro a leste da Igreja, elevado talvez no século XVI ou XVII.

Foram observadas algumas fossas de reduzida profundidade, dispersas um pouco por toda a área intervencionada, variando formalmente entre tipo subcircular, circular e retangular. Em razão de não conformarem uma forma “inteligível”, em parte devido ao facto de se acharem parcialmente encobertas pela presença do mencionado murete, não possibilitam avançar com uma utilização/função concreta.



FIGURA 14. Sondagem 1: plano final (Luís Sousa, 2011).

Próximo do perfil norte dos quadrados J20 e J21, identificámos uma sepultura medieval aberta no saibro, de recorte antropomórfico, pertencente, porventura, a um adolescente.

3.2. SONDAGEM 2

Respeitante ao quadrado H19, esta sondagem totalizou a escavação de 3,30 m² de superfície, tendo-se aqui colocado a descoberto o prolongamento do murete que se havia identificado na sondagem 1. Em virtude da presença de um tubo em PVC, com 200 milímetros, correspondente à instalação de um sistema de drenagem de águas pluviais, implantado em toda a periferia exterior do monumento, parte do referido murete aqui observado foi destruído. Ainda assim, lográmos obter o seu alinhamento, o que permitiu completar e compreender o desenho revelado entre a sondagem 1 e a sondagem 3.

Apenas foi atingido o substrato geológico em aproximadamente 50% da sondagem, concretamente na metade oeste, identificando-se nesta zona um entalhe, aberto diretamente no solo granítico degradado, correspondente aos membros inferiores de uma possível sepultura medieval de criança.

3.3. SONDAGEM 3

Esta sondagem corresponde à abertura dos quadrados F17, F18, G17 e G18, tendo resultado na efetiva escavação de 12 m² de área.

Nesta sondagem foi detetada a continuação do murete identificado nas sondagens 1 e 2, tendo, genericamente, a mesma orientação no sentido nordeste-sudeste. Nesta sondagem foi ainda observado um segundo murete, orientado de és-nordeste para sudoeste, convergindo para este último ponto, ficando adossado ao primeiro.

FIGURA 15. Sondagem 2: plano final (Luís Sousa, 2011).



FIGURA 16. Sondagem 3: plano final (Luís Sousa, 2012).

Como anteriormente dito, julgamos que o primeiro murete foi erigido no século XVI ou XVII. Em virtude da ampliação, para este, da nave e da construção de uma nova capela-mor, ocorrida por finais do século XVII ou princípios da centúria seguinte, em data anterior a 1709, houve necessidade de proceder ao desmonte para cumprir o projeto, pois a capela-mor foi estendida para este, até ao limite máximo da superfície do adro então disponível, facto que levou à construção, um pouco mais para sul, do segundo murete aqui observado, afastando-o, deste modo, da zona da cabeceira exterior da capela-mor, devido, por um lado, à imperativa necessidade de redefinição da zona de circulação neste espaço concreto, e, por outro, porque havia que se manter murada esta zona do adro, impedindo a entrada, por exemplo, de animais que pudessem, de algum forma, invadir e causar estrago no espaço cemiterial.

Identificaram-se nesta sondagem três sepulturas medievais abertas no solo granítico degradado, tendo-se detetado um primeiro sepulcro no quadrado G18, visível apenas parcialmente, por a zona correspondente à cabeça e aos ombros se encontrar sob o murete 1 e a parte destinada ao leito dos pés surgir embebida no perfil este da sondagem. O segundo sepulcro topou-se encoberto pelo murete 2, impossibilitando a visualização do enterramento ao nível da zona da cabeça e de parte do leito onde assentaria o tronco, desconhecendo-se os contornos que usualmente possibilitam apontar algumas cronotipologias neste tipo de túmulos.

No canto superior esquerdo, a noroeste da sondagem, foi detetado o terceiro enterramento, que se revelou intacto, sem vestígios de violação, atestado pela presença *in situ* das lajes horizontais de cobertura. De igual modo, não lográmos a observação da forma total do sepulcro, por este se achar parcialmente embebido no perfil oeste da sondagem e por desaparecer sob o murete 1.

3.4. SONDAGEM 4

Esta sondagem corresponde à abertura dos quadrados F15, G15 e H15, tendo sido escavados aproximadamente 8,20 m² de área. Foi orientada no sentido norte-sul, em posição perpendicular entre a Igreja e o cemitério paroquial atual.

Da averiguação arqueológica aqui desenvolvida merecem realce diversos achados. Desde logo, o surgimento, no extremo sul, da sondagem do prolongamento do murete 1 atrás referido, embora não tivéssemos logrado verificar o seu dimensionamento em largura: por um lado, por o paramento sul se apresentar em parte derruído; por outro, por se encontrar oculto no perfil sul da sondagem, zona não intervencionada arqueologicamente.

Assente quase diretamente sobre o granito degradado, junto de um covacho que interpretámos como “ossário de reaproveitamento” e numa cota pouco abaixo da base da vala de fundação da conduta periférica de escoamento das águas pluviais, identificámos vestígios ósseos de um enterramento, possivelmente da Idade Moderna, talvez do século XVI/XVII, de que restavam somente as tíbias e os fémures, em adiantado estado de degradação.

De um momento anterior, salienta-se o achado de seis enterramentos baixo-medievais, dos quais dois, surgidos na parte meridional da área da sondagem, se podem considerar intactos, pois ambos mostravam a presença de lajes horizontais a isolar o interior do enterramento. Desenvolvemos a escavação de apenas uma destas sepulturas, que revelou tratar-se, a crer nas dimensões, de um enterramento de adulto. A segunda sepultura, que apresentava ainda lajes de cobertura, não foi exumada, em razão de se encontrar, na sua quase totalidade, embebida no perfil. O covacho no fundo do qual assentava era bastante largo, o que poderá permitir anuir estarmos perante a reutilização de um espaço sepulcral, readaptado a um enterramento subsequente.

A respeito desta sondagem, cumpre ainda dar nota da observação de uma sepultura reaproveitada de adulto, circunstância constatada pela presença de pequenas lajes dispostas na vertical, postas um pouco abaixo da zona dos ombros, que devem ter servido de resguardo e apoio da cabeça de uma provável inumação de um adolescente.



FIGURA 17. Plano intermédio da escavação realizada na sondagem 4 (Luís Sousa, 2011).



FIGURA 18. Sepultura medieval ainda com lajes de cobertura detetada na sondagem 4. (Luís Sousa, 2012).

3.5. SONDAAGEM 5

Esta sondagem corresponde à abertura dos quadrados F12, F13, G12, G13, H12 e H13, tendo totalizado 9,50 m² de superfície escavada. Foi orientada no sentido norte-sul, em posição perpendicular entre a Igreja e o cemitério paroquial atual, adossada à parede sul da nave da Igreja, espaço onde se presencia uma “aresta viva” correspondente ao acrescento da nave para nascente, assunto a que nos dedicámos anteriormente.

Nesta sondagem foi observado um conjunto de pequenas pedras, dispostas de modo sensivelmente circular, composição que interpretámos como podendo tratar-se da sapata de apoio de uma coluna do alpendre, da qual se observa, no alçado sul da Igreja medieval, o lacrimal e os cachorros de apoio das madeiras de sustentação do telhado. Sensivelmente à mesma cota, foram exumados cerca de 10 caixões de crianças e adolescentes, contendo, em alguns deles, indumentária fúnebre.

Logo após a escavação integral dos caixões referidos, foram detetados quatro covachos abertos diretamente na terra, contendo cada um deles, no seu interior, vestígios ósseos em diferentes estados de conservação. Estes enterramentos revelaram formato oblongo, sem presença de antropomorfismo. Estes contextos deposicionais, que carecem de uma mais fina correlação estratigráfica e de uma leitura integrada das materialidades exumadas, possibilitam, embora com algumas reservas, apontar um balizamento cronológico entre o século XVI e o século XVII.

Certamente reveladoras de uma lata cronologia ocupacional, adentro do período baixo-medieval, são as 13 sepulturas descobertas nesta sondagem, diretamente lavradas no solo geológico, algumas com evidentes contornos antropomórficos, contando-se com sepulcros de não adultos e adultos.



FIGURA 19. Plano intermédio da sondagem 5, onde são observados vários enterramentos em esquifes de madeira de recém-nascidos e crianças e a estrutura pétrea (Luís Sousa, 2012).

De entre as sepulturas exumadas, três achavam-se cobertas com lajes, dispostas na horizontal e em posição transversal relativamente ao corpo inumado. Apenas o sepulcro aparecido no canto inferior sudoeste da sondagem não foi alvo de escavação, em virtude de se encontrar, na sua quase totalidade, oculto pelo perfil sul da área sondada.

Dos achados revelados pela intervenção arqueológica desenvolvida nesta zona, merece particular relevo uma sepultura aberta diretamente no solo granítico degradado, que, pese embora de plano antropomórfico bem definido, mostra o contorno de apoio da cabeça e dos ombros tenuemente delineado, o que a diferencia das demais observadas em toda a área intervencionada no adro da Igreja. Pelas características mostradas, tratar-se-á, de entre as suas congéneres, da mais antiga sepultura aqui observada. Se o desenho do antropomorfismo nos permite anuir tal circunstância, acresce a esta particularidade o facto de este enterramento estar sob a sapata de fundação do atual templo, tratando-se, deste modo, de um efetivo dado que permite, com segurança, recuar a cronologia ocupacional do sítio em apreço, corroborando os dados documentais que apontam para a existência da Igreja do Salvador de Aveleda pelo século XII.

A cobrir a zona definida para receber a cabeça e os ombros do indivíduo sepultado neste sepulcro achava-se um bloco granítico quadrangular, com um sulco talhado numa das extremidades, que, depois de removido, revelou tratar-se de uma soleira de porta com batente, podendo ter pertencido a um templo anterior ou a uma outra qualquer dependência próxima à Igreja.

FIGURA 20. Escavação e estudo *in situ* de enteramento moderno de um não adulto, exumado na sondagem 5 (Luís Sousa, 2012).



3.6. SONDAGEM 6

Tratou-se da maior sondagem de averiguação realizada no adro do templo de Aveleda, com uma superfície total de aproximadamente 12,6 m², facto que, cumulativamente à potência estratigráfica, se refletiu numa pesquisa profícua, tendo sido possível compilar um conjunto de informações relevantes para a compreensão das formas e dos ritos funerários aqui praticados entre os finais do século XII e os séculos XVI/XVIII. Com dimensões próximas dos 7 metros, em comprimento, e dos 2 metros, em largura, esta sondagem cobriu parte do quadrado E9 e a totalidade dos quadrados F9, G9 e H9, ocupando um espaço entre o alçado sul do templo e o murete norte do cemitério paroquial. Com esta indagação arqueológica obteve-se uma leitura estratigráfica plena entre as duas estruturas mencionadas.

Imediatamente após o levantamento das camadas superficiais correspondentes à regularização do piso do adro (UE001 e UE002), executado pela Rota do Românico, no âmbito dos trabalhos de recuperação e requalificação imprimidos, entre 2004 e 2006, ao monumento e à envolvente, foi detetado um conjunto de toscos blocos e de lajes graníticas, prefigurando, em alguns casos, alinhamentos orientados canonicamente, isto é, no sentido oeste-este. A disposição destes blocos sugeriu, desde logo, tratarem-se de coberturas de sepulturas ou do isolamento parcial de zonas de enterramento. Na metade sul da sondagem, os blocos ou lajes achavam-se irregularmente dispostos, revolvidos talvez pela proximidade com a superfície do piso de circulação em uso ao longo do século XX, muitas vezes sujeito a aterros e desaterros de regularização, bem patente na realidade estratigráfica constatada na sondagem.

Ultrapassadas as unidades referentes aos blocos e lajes mencionados, bem como a terra que os envolvia, deparámo-nos com uma estratigrafia complexa, de difícil caracterização e individualização, reflexo do grande número de enterramentos aqui praticados. Se, por um lado, lográmos exumar somente sete indivíduos, cujos elementos osteológicos permitiram, contudo, determinar as suas dimensões aproximadas, bem como constatar alguns ritos e práticas funerárias, os vestígios ósseos dispersos pela área ou colocados em pequenas covas dão bem conta do intenso uso como espaço predileto para enterramentos nesta zona. Em razão do exposto, o solo foi sendo, de igual modo, sucessivamente revolvido, atingindo-se, por vezes, o geológico, com alteração da cota do mesmo, o que determinou a destruição parcial de alguns enterramentos anteriores.

Seguidamente à exumação de todos os vestígios osteológicos colocados a descoberto, foi posta em evidência a primeira fase de ocupação detetada na envolvente do templo de Aveleda e que diz respeito à abertura de sepulturas de formato antropomórfico, destinadas à inumação de indivíduos não adultos e adultos, envoltos em sudário. Quer



FIGURA 21. Vestígios de sepultura medieval, detetados na sondagem 5, que se encontravam debaixo do atual edificado da Igreja (Luís Sousa, 2012).



FIGURA 22. Plano intermédio da escavação de enterramentos modernos, detetados na sondagem 6 (Luís Sousa, 2012).

do ponto de vista morfológico, quer de alguns aspectos particulares evidenciados, por exemplo nos apoios para a cabeça e em pequenos entalhes nas paredes laterais, estes enterramentos revelam não só soluções evolutivas, que nos parecem individualizáveis em termos cronológicos, como expressam um sentido próprio de pensar a morte.

Por fim, cabe-nos realçar o aparecimento de um alinhamento pétreo no extremo sul da sondagem, concretamente no quadrado E9, constituído por pedras de pequeno e médio porte, toscamente lavradas. Composto somente por uma fiada de pedras, e em parte encoberto pelo atual muro fronteiro do cemitério paroquial, este alinhamento foi interpretado como sendo o prolongamento do murete descoberto nas sondagens 1, 2, 3 e 4, tratando-se, deste modo, de uma ténue reminiscência do primitivo muro que, como dissemos anteriormente, delimitava todo o perímetro sul do adro da Igreja do Salvador de Aveleda.

3.7. SONDAAGEM 7

Esta sondagem foi implantada a sul do templo, junto do ângulo da fachada, tendo compreendido a abertura de 4 m², correspondente ao quadrado H6. As diferentes camadas detetadas nesta sondagem revelaram-se de fácil interpretação, tratando-se, na sua maioria, de unidades respeitantes a nivelamentos do piso circundante. A unidade mais expressiva no tocante às intrusões aqui verificadas coube à vala de instalação do dreno periférico para águas pluviais, que concorreu para uma perda significativa de informação arqueológica.

Em cotas a rondar aproximadamente os 0,60 metros de profundidade, identificou-se a presença de dois esquifes de madeira, contendo, no seu interior, alguns vestígios ósseos em adiantado estado de degradação. Compreenderam inumações de não adultos ou adultos, salientando-se que se trataram de enterramentos levados a efeito em momentos distintos, pois um cortou parcialmente outro.



FIGURA 23. Sondagem 7: plano final (Luís Sousa, 2012).

Exumados os caixões e o seu conteúdo, detetaram-se cinco sepulturas baixo-medievais. Três revelaram antropomorfismo bem delineado; as restantes duas acharam-se truncadas, pelo que desconhecemos os principais traços caracterizantes. Uma por se achar embebida pelo perfil oeste da sondagem; a outra por se apresentar parcialmente destruída pela realização de sepultamentos em caixão de madeira e pela realização da atrás referida conduta de drenagem de águas pluviais.

Apesar das intrusões aqui observadas, algumas lajes de cobertura dos enterramentos medievos ainda se encontravam *in situ*.

3.8. SONDAGEM 8

Esta sondagem, com uma área de 6 m², diz respeito à escavação da metade norte do quadrado F3 e a totalidade do quadrado G3. Foi estabelecida entre o extremo oeste do cemitério atual e a antiga casa da confraria.

Foram escavados sete arcazes de madeira, datados de finais do século XIX e/ou da primeira década do século XX. Quatro esquifes encontravam-se parcialmente ocultos no perfil oeste, tendo-se exumado os membros inferiores correspondentes às tíbias. Um outro esquife foi detetado no perfil norte, enquanto os restantes foram observados no perfil este, tendo-se exumado a parte superior dos dois indivíduos aqui sepultados. No perfil norte foi detetado um outro caixão de madeira, mas, em virtude de se encontrar, na sua quase totalidade, encoberto pelo perfil, não foi considerada pertinente a sua escavação, tendo-se, por essa razão, mantido intacto. Além dos enterramentos mencionados, observaram-se diversos restos osteológicos, dispersos um pouco por toda a sondagem, sem conexão entre si, por certo, resultantes de enterramentos anteriores, entretanto destruídos para dar lugar a outros mais recentes.

No quadrado F3 foi detetada a face interna de um muro, composto por pedras de médio porte, toscamente lavradas, que relacionámos com o prolongamento do muro descoberto nas sondagens 1, 2, 3 e 4, que, como aludido, julgámos construído pelo século XVI ou XVII, servindo este como termo do adro, na zona sul da Igreja.

A sul da sondagem foi colocada a descoberto uma sepultura escavada na rocha, de formato antropomórfico, que foi alvo de remeximento, possivelmente aquando da elevação do primitivo muro de delimitação do adro mencionado, servindo a referida sepul-



FIGURA 24. Sondagem 8: plano final (Luís Sousa, 2012).

tura, em parte, como vala de fundação do mesmo. Além da sepultura, foram detetados vestígios de mais quatro, duas das quais cortadas por dois enterramentos praticados em arcaz de madeira, presenciados na parte este da sondagem, resultando em ambas num ténue desenho do antropomorfismo ao nível da zona da cabeça e dos ombros. No canto superior esquerdo da sondagem, a noroeste, foi notado o traço dos membros inferiores de um outro sepulcro medieval aberto no solo granítico degradado, sendo de salientar um bem talhado rebordo para apoio das lajes de cobertura, que não se encontravam presentes.

3.9. SONDAGEM 9

Correspondente à escavação parcial do quadrado O3, esta sondagem compreendeu a abertura de 2,27 m² de área. Foi implantada tendo como princípio o eixo sul do quadrado O3 e como *terminus* o atual muro que limita o adro a norte com a estrada municipal que liga Aveleda ao centro da vila de Lousada.

De fraca potência estratigráfica e de interpretação relativamente simples, esta sondagem mostrou contínuos níveis de revolvimento, encontrando-se patentes em toda a leitura vertical, por um lado, estritamente relacionados com a construção do muro do adro, por outro, compreendendo níveis de aterro de regularização e alteração da cota do atual adro.

Os negativos lavrados no substrato geológico granítico achavam-se relacionados com a abertura de, pelo menos, duas sepulturas baixo-medievais, aparentemente de não adultos, que terão, em momento posterior, sido reutilizadas, e de um entalhe circular pouco profundo, que interpretámos como sendo um buraco de poste.

Nesta sondagem não foram detetados quaisquer vestígios de enterramentos em caixão de madeira.



FIGURA 25. Sondagem 9: plano final (Luís Sousa, 2012).

3.10. SONDAGEM 10

Considerando que teve de ser implantada entre o passeio empedrado existente a norte do templo e o muro, que delimita o adro nesta zona com a estrada municipal, esta sondagem limitou-se à escavação parcial dos quadrados O8 e P8. O somatório da superfície intervencionada totalizou, todavia, 4,15 m².

A estratigrafia aqui detetada revelou genericamente dois momentos: um relacionado com nivelamentos e alteração da cota do piso de circulação e obras de reconstrução e/ou redefinição da planta do muro do adro, e um outro que teve a ver com a realização

de enterramentos durante a Baixa Idade Média, tendo resultado na observação de cinco sepulcros deste período, alguns com evidentes sinais de antropomorfismo. No topo superior direito da sondagem, a sepultura medieval de formato antropomórfico achava-se parcialmente encoberta pelo muro do adro, pelo que é permissível considerar que o espaço cemiterial na Baixa Idade Média se prolongava para lá deste limite atual. Outros negativos talhados no geológico foram aqui colocados a descoberto. Porém, em razão de terem sido visualizados de modo muito parcial, não permitem que se lhes aponte uma concreta funcionalidade.

FIGURA 26. Sondagem 10: plano final (Luís Sousa, 2012).



3.11. SONDAGEM 11

Os limites desta sondagem foram firmados tendo em conta a malha correspondente ao quadrado N13, embora não tenhamos efetuado a escavação de toda a sua superfície, devido à presença, a sul, do passeio empedrado existente a norte da Igreja – zona não intervencionada –, pelo que a área de averiguação arqueológica se cifrou em 3,69 m².



FIGURA 27. Plano intermédio da escavação da sondagem 11 (Luís Sousa, 2012).

A investigação arqueológica de carácter intrusivo aqui praticada revelou oito sepulcros medievais escavados no geológico, precedendo-lhes uma muito fraca potência estratigráfica, composta maioritariamente por camadas de terra de enchimento e de regularização do adro. Esta circunstância contribuiu para que o espólio aqui exumado, maioritariamente cerâmico, fosse igualmente parco e muito fragmentado.

De entre os enterramentos baixo-medievais exumados, três achavam-se no perfil este, revelando os mesmos, pelas suas dimensões, tratarem-se de inumações de não adultos e adultos. Apesar de ocultos pelo perfil, foi possível vislumbrar o contorno antropomórfico, patente na definição do contorno para apoio da cabeça e para os ombros.

No canto inferior esquerdo da sondagem, detetou-se um outro sepulcro, no qual era apenas visível a parte correspondente aos membros inferiores, parcialmente destruída pela colocação, nesta zona, de uma caixa composta por blocos de cimento para captação das águas pluviais. Contígua, lavrada no geológico para este, foi detetada uma sepultura antropomórfica coeva de um não adulto. Ao centro da área sondada surgiram dois enterramentos, analogamente de não adultos. Um, além da sua reutilização, constatada pela colocação de toscas pedras a estruturar a parede direita, foi truncado ao nível da cabeça por um sepulcro aberto em momento posterior. O outro enterramento, próximo do perfil norte, continha lajes de cobertura, o que possibilita inferir tratar-se de um sepulcro não revolido, ainda que tivesse reutilizado um precedente.

Junto ao passeio empedrado, presente na parte sul do quadrado N13, foi colocado a descoberto um cabo de fornecimento de energia eléctrica. Dada a estreita e pouco profunda vala de instalação não foram atingidos níveis arqueológicos.

3.12. SONDAGEM 12

Esta sondagem foi implantada obedecendo à malha quadriculada correspondente aos quadrados P14 e Q14, tendo-se aberto aproximadamente 5,24 m² de superfície.

Se cada uma das unidades foi facilmente interpretada, muito devido à reduzida potência estratigráfica, o mesmo não se pode considerar relativamente aos entalhes em negativo lavrados no solo granítico degradado, vulgo saibro, cuja superfície se achava integralmente ocupada pela abertura de sepulcros, na sua maioria datáveis da Baixa



FIGURA 28. Sondagem 12: plano final (Luís Sousa, 2012).

Idade Média. Somente chamamos a atenção para a existência de um entalhe pouco presente, de formato retangular alongado, lavrado sobre um enterramento medieval e entre outros dois sepulcros coetâneos, que poderá ser reflexo de ter sido aberto para nele ser depositado um enterramento provido de arcaz de madeira, embora não tenhamos logrado recolher qualquer vestígio do mesmo.

Os sepulcros medievos aqui exumados apresentavam diversas soluções morfológicas, principalmente ao nível da cabeceira, bem como mostravam indícios de reutilização. Algumas destas tumulações foram, na sua quase totalidade, destruídas, principalmente quando se verificou o rebaixamento da cota de enterramento, o que se traduziu em alguma dificuldade interpretativa, muito devido à imprecisão do traço com que primitivamente se achavam marcadas.

3.13. SONDAGEM 13

Esta sondagem de averiguação arqueológica, tal como as restantes abertas no adro a norte da Igreja, revelou camadas de interpretação simples e uma fraca potência estratigráfica relativamente à realidade observada a sul, facto que se refletiu, de igual maneira, no espólio exumado, parco e muito fragmentado.

A área sondada rondou os 5,52 m², tendo-se escavado parte do quadrado O17, baliado, a sul, pelo passeio periférico aqui existente, adossado à parede norte da sacristia, com uma superfície intervencionada pouco superior a 1,50 m², e a totalidade do quadrado P17.

Em plano diagonal, orientada de nordeste para sudeste, surgiu no quadrado P17 uma vala, realizada em 2005 ou 2006, em cuja base se constatou a presença de fita marcadora e de identificação de instalação de cablagens elétricas. Esta intrusão acarretou a destruição parcial de dois sepulcros, possivelmente medievais.

No extremo sul da sondagem e na quase totalidade oculta pelo perfil, correspondente ao passeio adossado à sacristia, identificou-se uma vala aberta no geológico, contendo, no interior, madeiramento de um caixão. Devido ao reduzido espaço disponível, não se concretizou a sua escavação.

Três possíveis sepulturas, cronologicamente enquadráveis entre os finais da Idade Média e os inícios da Idade Moderna, foram aqui exumadas, achando-se estruturadas



FIGURA 29. Sondagem 13: plano final (Luís Sousa, 2012).

com pedras de pequena dimensão, postas nas laterais, e sem vestígios de terem possuído tampas. Embora em adiantado estado de degradação, desfazendo-se ao toque, anotámos a presença de alguns vestígios ósseos concernentes aos membros inferiores.

Foi identificado e escavado um total de oito sepulturas medievais, das quais quatro revelaram antropomorfismo. Os dois sepulcros coetâneos, identificados junto do perfil norte, foram truncados pela abertura da mencionada vala para instalação de cablagens elétricas.

3.14. SONDAGEM 14

Esta sondagem corresponde à abertura parcial do quadrado M18 e à totalidade do quadrado M19, cumprindo-se a escavação de aproximadamente 4,72 m² de área. Foi orientada no sentido sul-norte, implantada entre a capela-mor e a sacristia e balizada pelo passeio de circulação periférica adossado ao pano exterior do monumento.

Por cima do que denominámos de caixão 4 foi identificado um ossário, com grande parte dos vestígios osteológicos presentes postos em posição diagonal e vertical.

Detetaram-se cinco enterramentos de indivíduos inumados em caixão de madeira, revelando um deles forro interno em chumbo. Um dos caixões não foi escavado, por se achar, na quase totalidade, oculto no perfil oeste da sondagem, concretamente no quadrado M18, por baixo do passeio periférico.

Os esquifes de madeira escavados revelaram a presença de vestígios osteológicos, em adiantado estado de degradação, tendo-se exumado os mesmos após registo gráfico e fotográfico.

Após a exumação integral dos ataúdes visíveis na sondagem, foram detetados quatro enterramentos medievais, truncados pelos perfis e parcialmente seccionados pela abertura dos covachos destinados à colocação dos caixões. No perfil oeste da sondagem (M18), foram observados dois entalhes respeitantes à zona dos membros inferiores.



4 FIGURA 30. Escavação dos vestígios osteológicos do caixão 3, exumado na sondagem 14 (Luís Sousa, 2012).

▼ FIGURA 31. Escavação e estudo do enterro do caixão 1, detetado na sondagem 14 (Luís Sousa, 2012).



FIGURA 32. Sondagem 14: plano final (Luís Sousa, 2012).

Sensivelmente ao centro da área sondada, foi notada a presença de uma sepultura de um não adulto, com a zona da cabeça desaparecida, em razão de ter sido cortada por um enterro em caixão. As paredes laterais, ao nível dos membros superiores, encontravam-se visíveis de modo muito ténue, também devido à realização de dois sepulcros em arcaz de madeira, que alteraram a cota original do solo geológico. No perfil este, e imediatamente sob uma sepultura em esquife de madeira, identificou-se uma outra sepultura medieval, de que se constatou a presença do contorno da cabeça e dos ombros, lavrado no geológico.

3.15. SONDAGEM 15

Localizada sensivelmente ao centro de uma zona situada entre a sacristia e o atual muro do adro da Igreja e a somente dois metros da sondagem 14, abrimos uma área de 4 m², correspondentes aos limites 2x2 metros do quadrado denominado N21.

Logo após a remoção das unidades superficiais, relativas à regularização do piso do adro, executada, entre 2004 e 2006, pela Rota do Românico, foi constatada a presença de uma fina, mas expressiva, dispersão de carvões, contendo grande quantidade de pregos, tachas em bronze e pequenos ossos humanos carbonizados. Até ao momento não conseguimos situar temporalmente esta ação. Porém, parece-nos evidente tratar-se da combustão de restos ósseos e de arcazes de enterramentos realizados no interior do templo e removidos aquando de obras de beneficiação, que contemplaram a limpeza dos caixotões limitados por guias de pedra abertos no chão. Lembramos que no interior do templo se realizaram sepultamentos até 1913, ano em que se dá início à construção do cemitério atual.

No perfil norte desta sondagem observámos a presença de algumas pedras de pequena dimensão, balizadas por um entalhe no geológico. Pese embora a impossibilidade de escavar esta zona, por se ter revelado demasiado exíguo o espaço disponível, julgamos que se trata de uma sepultura medieval ou mesmo moderna.

Diversos entalhes foram aqui detetados. No canto inferior esquerdo da sondagem, um entalhe parcialmente visível parece permitir, ainda que com algumas reservas, anuir ter sido uma sepultura medieval, vendo-se o que poderá ter sido o rebordo de assentamento das lajes de cobertura. Já um entalhe angular detetado no canto inferior direito não permite tecer quaisquer considerações, quer no concernente à forma, quer à função, pois não lográmos obter a sua completa extensão, em virtude de se achar parcialmente oculto pelos perfis sul e este.

A presença de dois covachos de formato subcircular, cortados posteriormente pela abertura de duas sepulturas medievais, de que somente observámos a parte final da deposição dos membros inferiores, visíveis a oeste da área aberta, parece-nos poder relacionar-se com a realização de ossários, isto é, recetáculos de restos ósseos, resultantes,

FIGURA 33. Plano intermédio da escavação da sondagem 15 (Luís Sousa, 2012).



quicá, da reutilização das sepulturas medievais aqui exumadas. De entre os medievos leitos sepulcrais escavados, um possibilitou que se lhe definisse o plano na sua quase totalidade. Foi aberto no solo granítico degradado e apresentava formato antropomórfico bem delineado, possuindo rebordo para as lajes de cobertura, embora apenas uma se achasse presente, posta ao nível da cabeça e, por certo, colocada aquando da reutilização do enterramento, patente, por um lado, pela ausência das lajes a selar o interior do sepulcro e, por outro, pelo evidente remeximento da estratigrafia.

3.16. SONDAGEM 16

Distante dois metros para norte da sondagem 15 (N21), o quadrado P21 foi delimitado com as medidas 2x2 metros, perfazendo 4 m² de área intervencionada.

As unidades estratigráficas iniciais apresentavam-se muito revolvidas, observando-se sucessivos níveis de aterro para regularização do piso do adro e valas de enterramentos, talvez de Época Moderna, que truncaram a totalidade dos sepulcros medievais.

As primeiras alterações estratigráficas mais significativas verificaram-se precisamente pela abertura de três covachos, correspondentes a enterramentos possivelmente modernos. Dois encontravam-se presentes na parte oeste da sondagem, tendo-se constatado a abertura diretamente na terra. O enterramento presente a noroeste aproveitou parte de uma sepultura medieval preexistente, imprimindo-lhe algumas alterações para adaptação, designadamente pelo alargamento das paredes laterais e pelo rebaixamento do primitivo leito sepulcral medievo. Para a realização do sepulcro detetado no canto inferior esquerdo, de igual modo se constataram transformações, concretamente pelo corte da parede direita de uma sepultura medieval de um não adulto e pela corte da zona destinada a receber a cabeça e os ombros de uma inumação de criança. Uma outra sepultura, aparentemente também da Época Moderna, foi lavrada sensivelmente ao centro e na metade este da área aberta, tendo esta sido realizada sobre uma sepultura antropomórfica de criança, achando-se limitada a norte, a oeste e a sul por lajes de cobertura e pedras avulsas de sepulturas baixo-medievais. Para alcançar uma maior cota negativa, verificou-se que a parede esquerda desta sepultura foi suprimida. Em



FIGURA 34. Plano intermédio da escavação da sondagem 16 (Luís Sousa, 2012).

nenhum dos enterramentos modernos descritos se detetou quaisquer vestígios de ma-deiramento de caixões.

Os mais antigos vestígios aqui detetados referem-se então a cinco sepulturas baixo-medievais, lamentavelmente, e como ficou dito, truncadas, em virtude da realização de enterramentos posteriores nesta zona. Ainda assim, não deixa de merecer realce a densidade de sepulcros medievos aqui praticados, nomeadamente de crianças e de não adultos.

Quer a norte, quer a sul da área aberta, praticamente embebidos pelos respetivos perfis, foram observados entalhes, possivelmente correspondentes a sepulcros, sendo, todavia, irrealizável a sua caracterização no tocante à forma e cronologia, ainda que aproximada.

Por fim, salientamos um entalhe de formato circular detetado junto do perfil oeste, que, tendo em conta as dimensões (26 centímetros de diâmetro e uma profundidade aproximada de 25 centímetros), interpretámos como sendo um buraco de poste, aberto em data posterior à realização dos sepulcros medievais.

4. CONCLUSÕES

A estratigrafia verificada em cada uma das sondagens efetuadas no adro da Igreja do Salvador de Aveleda revelou uma realidade própria dos adros de igrejas onde a concretização de sepultamentos se verificou até tempos recentes. A redefinição do espaço destinado a sepulcro parece uma constante desde a Idade Média até aos inícios do século XX, sobretudo quando se tratavam de superfícies próximas ao templo. Não raras vezes se constatou a reutilização e adaptação de sepulcros medievais primários, solução encontrada uma vez esgotada a superfície para enterramentos em certas zonas do adro. Análoga circunstância sucedeu na Idade Moderna e Contemporânea com o aproveitamento de sepulturas antropomórficas. Tal reflete, de algum modo, a importância conferida a alguns quadrantes do adro, nomeadamente, e tendo em conta os resultados dos trabalhos arqueológicos, à zona sul do templo, onde constatámos a presença de grande número de enterramentos orientados e organizados tendo como linha orientadora o alçado vertical respeitante à nave.

De entre o espólio arqueológico, merece relevo o conjunto de numismas exumado, pese embora na maioria recolhido em contextos dissemelhantes das cronologias de cunhagem ou circulação.

A cerâmica recolhida, ainda que muito fragmentada, é maioritariamente composta por pedaços de telha de meia-cana, reflexo da manutenção periódica da cobertura do templo ou de obras a que certamente foi sujeito ao longo de quase um milénio de existência. Foram igualmente recolhidos materiais ceramológicos de uso doméstico, que revelam amplas cronologias – desde a Baixa Idade Média até aos fins do século XIX –, e díspares proveniências, com destaque para algumas cerâmicas produzidas na zona do Prado, Vila Real (?) e Aveiro-Ovar.

Pese embora a sintética caracterização apresentada das principais realidades arqueológicas identificadas no adro da Igreja do Salvador de Aveleda, que carecem obri-

gatoriamente de um mais aprofundado estudo, quer pelo estabelecimento de correspondência estratigráfica, quer pela análise das materialidades associadas, julgamos, todavia, que ilustra o potencial arqueológico do sítio, não somente para a compreensão das formas e ritos funerários aqui praticados entre os finais do século XII e a primeira década do século XX, como para aditar relevantes informações para a compreensão de certas alterações morfológicas do edificado, mormente ao nível da planta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Câmara Municipal de Lousada, 1993. *Lousada. A vila e o concelho*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

Cardoso, C., 2013. As visitas de Aveleda: novos dados e cronologias para a história desta freguesia. *Revista Municipal de Lousada*, 105. pp. 1-4.

Cardoso, C., 2016. *Cronologia das peças arquitetónicas da escadaria da capela-mor da igreja de Aveleda*. [Conversa presencial] (Comunicação pessoal, 2016).

Correia, A., 2016. *Obras realizadas na década de 1990 na igreja de Aveleda*. [Conversa presencial] (Comunicação pessoal, 2016).

Harris, E. C., 1991. *Principios de Estratigrafía Arqueológica*. Barcelona: Critica.

Lopes, E. T., 2004. *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

Novais, H., 2016. *Tipo de granito utilizado na construção da igreja de Aveleda*. [Conversa presencial] (Comunicação pessoal, 2016).

Nunes, M., Sousa, L. e Gonçalves, C., 2008. *Carta arqueológica do concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada/Gabinete de Arqueologia.

Rosas, L. M. C., 2008. Igreja do Salvador de Aveleda: 1. A Igreja na Época Medieval. In: L. M. C. Rosas, coord. 1998. *Rota do Românico do Vale do Sousa*. [Lousada]: Valsousa – Rota do Românico do Vale do Sousa. pp. 107-111.

DOCUMENTOS CARTOGRÁFICOS

Câmara Municipal de Lousada, 2013. Ortofotomapa. *Armação dos campos em Aveleda*, folha n.º 20020, Escala 1:2000. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

Instituto Geográfico do Exército, 1998. Carta Militar de Portugal. *Série M888*, Folha 112 – Penafiel, Escala 1:25000 (4.ª edição). Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.